

a voz da abadia

A VOZ DAS GENTES DE ENTRE HOMEM E CÁVADO

ANO VII — N.º 208

Director: ALEXANDRE VAZ

9 DE DEZEMBRO DE 1993

QUINZENÁRIO

SAI NAS SEGUNDAS E ÚLTIMAS QUINTAS-FEIRAS DO MÊS



PREÇO: 50\$00

TAXA PAGA
4700 BRAGA
PORTUGAL

NO DIA 1 DE JANEIRO/94

NOVOS ARCIPRESTES PARA A ARQUIDIOCESE

Após terem sido nomeados pelo Ex.^{mo} Prelado, D. Eurico Dias Nogueira, entram em funções no dia 1 de Janeiro/94 os novos arciprestes da arquidiocese, a saber:

Amares, José Soares de Almeida; Barcelos, Manuel Ferreira de Silva Araújo; Domingos Ferreira da Silva Brandão, para Braga; Avelino Alberto Gonçalves Vilela, pároco de Bucos, para Cabeceiras; Mons. Francisco Freitas Lameira, pároco de Fervença, para Celorico; P.^o José Valentim Pereira Vilar, pároco de Fão, para Esposende; Cónego Valdemar Gonçalves, pároco de Arões, para Fafe; Mons. Cónego Gonçalo de Araújo Pinheiro, pároco de Louro, para Famalicão; Joaquim Marques da Mota, pároco de Mesão Frio, para Guimarães; Jaime de Jesus Castro de Andrade, pároco de Travassos, para Póvoa de Lanhoso; P.^o Bento Fernando Bento da Costa e Sousa, pároco de Moimenta, para Terras de Bouro; Alberto José Gonçalves, pároco de Ruivães, para Vieira do Minho; Manuel José Gomes da Costa, pároco de Amorim, para Vila do Conde e Póvoa de Varzim e João Fernando Peixoto Araújo, pároco do Pico, para Vila Verde.



ARRANCAR AZEVINHO ESPONTÂNEO DÁ PESADAS MULTAS

Arrancar, transportar ou vender azevinho espontâneo, tão procurado nesta época do Natal para enfeitar as casas, pode valer uma multa de vinte a duzentos contos — ou mesmo de dois mil contos se a infracção for cometida por uma pessoa colectiva.

Actualmente, há já alguns produtores privados, nomeadamente em Sintra e em Viana do Castelo, que cultivam azevinho para vender nesta época do ano, o que, segundo um técnico, constitui um investimento a longo prazo, altamente rendoso.

Mas, para isso, esses cultivadores têm que obter, anualmente, uma credencial própria na Direcção Regional das Florestas da sua zona. No momento da venda, ao passarem o respectivo documento (guia de remessa ou factura), esses produtores são obrigados a mencio-

narem o número da sua credencial e o nome da propriedade onde o cultivam.

Nesta altura do ano, a Divisão de Defesa e Protecção do Arvoredo intensifica a vigilância aos tufos espontâneos, em diversos pontos do país, para que o azevinho não seja apanhado ou espezinhado.

No que toca ao transporte e venda, a fiscalização já compete às outras entidades como a GNR. Trata-se de uma fiscalização delicada, pois, só com alguma experiência, se distingue a planta que cresce espontaneamente daquela que é cultivada em viveiros e que pode ser comercializada legalmente.

Noutros tempos, o azevinho, pica-folha, visqueiro ou zebra encontrava-se por todo o país, pelas serras do Gerês, Buçaco, Sintra ou Monchique.

CONGREGAÇÃO
PARA A DOCTRINA DA FÉ

Algumas reflexões

acerca da resposta

a propostas legislativas

sobre a não-discriminação

das pessoas homossexuais

PÁGINA 6



«A Voz da Abadia»

Deseja aos
Leitores

Colaboradores

Assinantes e

Anunciantes



Boas Festas

SUMÁRIO

Mau (e bom) tempo nos canais

PÁGINA 5

Em Santiago de Compostela:
«Voto» da Arquidiocese de Braga

PÁGINA 7

Crónicas Selvagens

PÁGINA 10

a voz da abadia

A VOZ DAS GENTES DE ENTRE HOMEM E CÁVADO

Quinzenário regionalista e independente

DIRECTOR

Prof. Alexandre Vaz

DIRECTOR-ADJUNTO

José Filipe

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO

Santuário de Nossa Senhora da Abadia

Santa Maria de Bouro

4720 AMARES

Telefone (053) 371197

PROPRIETÁRIO

Confraria de Nossa Senhora da Abadia

DEPÓSITO LEGAL N.º 12453/86

COMPOSTO E IMPRESSO

EDITORA CORREIO DO MINHO/SM

Palácio de Exposições e Desportos

Telefone 74087

4703 BRAGA CODEX

ASSINATURA ANUAL: 1.200\$00

NÚMERO AVULSO: 50\$00

TRAGEM MÉDIA MENSAL

3.500 EXEMPLARES



CARTAS AO DIRECTOR

Ex.^{mo} Senhor Director do Jornal
«A Voz da Abadia»

Sou natural da freguesia de Figueiredo, desse Concelho e emigrante na Alemanha desde há 29 anos.

Todas as quatro filhas são portuguesas e baptizadas em S. Mamede de Infesta, onde eu já me havia casado (24 de Junho de 1962) e também onde comemorei solenemente na Igreja Paroquial as Bodas de Prata (Junho de 1987). Tenho particular afeição por esta freguesia, onde conquistei amizades, que perduram, felizmente.

Penso regressar ao meu País, talvez no próximo ano, quando o processo de reforma estiver concluído, isto é, quando e por motivo da falta de trabalho em especialidades vier a ser aprovado o meu pedido, dado não ter ainda atingido os 65 anos.

Sou o assinante n.º 5914 do jornal que V. Ex.^ª dignamente dirige desde que vim para a Alemanha e só deixei de pagar a anuidade quando reparei que no jornal se falava de factos ocorridos noutras freguesias, mas nunca na de Figueiredo.

Algum tempo depois, em conversa com o Sr. Capitão Araújo citei o facto e o meu desgosto pela falta de notícias de Figueiredo e este senhor me disse que teria sido por factos independentes da vossa vontade e me aconselhou a pagar o atrasado e que providenciaria como pudesse quanto ao meu interesse em ler notícias de Figueiredo.

Para o facto, enviei em Agosto deste ano um cheque em nome de V. Ex.^ª, Sr. Professor Alexandre Vaz, do Banco Fonsecas & Burnay com o n.º 63138482, de 5.000\$00, o que foi presente em

9 de Setembro no referido Banco. Permito-me citar que até ao n.º 206 do Jornal, de 11 do corrente mês, não li qualquer referência à recepção do aludido cheque, pelo que não sei se paguei tudo o que devia ou não e isso, como é evidente, preocupa-me, o que me leva a solicitar o devido esclarecimento.

Para notícia no jornal, gostaria que fosse citado que três das quatro minhas filhas foram mães recentemente e resolveram, para festejar o facto congnamente, promover os baptizados no mesmo dia — em 7 do corrente mês na Igreja Católica de Untergruppeubach, na qual já se tinham casado. Foi um dia muito feliz para todos os que assistiram e, sobretudo, para nós, os Pais.

Permito-me lembrar que minha Mãe — Rosa Maria Pereira — viúva de Carlos António Pereira, velho músico da Banca da Feira Nova, talvez uma das mais velhas residentes na freguesia, vive na casa de sua propriedade e está, com justo agrado de todos os seus filhos, a ser acompanhada pela esposa do Sr. José Paulo Araújo, que a trata com muito carinho e dedicação.

O desejo de viver perto de minha Mãe é o que me forçará a deixar a Alemanha, talvez no próximo ano, e ainda o desejo de acabar os meus dias na terra que me viu nascer.

Saliento que o Santuário da Abadia é, para mim, excelso lugar de fé e que muito adoro.

Sem outro motivo e esperando que V. Ex.^ª se digne informar-me do que se parecer acerca do exposto, subscrevo-me com muito apreço, de V. Ex.^ª — atenciosamente

José António Pereira

SE NÃO QUERES CASAR MAL CASA COM IGUAL

Queira Deus que este artigo, sirva de orientação aos jovens casadoiros, que tão mal vejo casados.

O matrimónio — que tão levemente se torna — é o principal acto da existência humana. Se ele for perfeito, bem ponderado, a jornada dos esposos, será mais doce, e o lar, o refrigerio ideal para a família.

Mas como escolher companheiro?

Não há, infelizmente, regras, nem padrões estabelecidos. Existem, todavia, vários factores que não sendo infalíveis, garantem boa probabilidade.

Diz, em: «Nova Floresta», o nosso bom Padre Manuel Bernardes que: «O matrimónio é jugo; para levarem suavemente o jugo, buscam-se bois parelhos — e remata —: se não queres casar mal, casa com igual».

Bom conselho é esse, indicado, também, na: «Carta de Guia», por D. Francisco Manuel de Melo: «Casem primeiro — diz o clássico — as ideias, as condições, as saúdes e as qualidades; e então casarão bem as pessoas. Doutra modo, já de antemão levam o divórcio meio feito».

Casem as ideias é terem a mesma crença, o mesmo conceito moral e frequentarem a mesma igreja.

Não queria declarar — mas sinto obrigação de o fazer —: os mesmos ideais políticos ou semelhantes.

Casem as condições, quer dizer: do mesmo nível social ou aproximado. Se a riqueza não for semelhante, não é de suma importância, o que interessa: é que sejam de igual educação e provenientes de famílias de igual nível.

Casem as saúdes. Pretende-se com isto que ambos sejam saudáveis ou caso contrário, os futuros cônjuges tenham deficiências físicas ou psíquicas



que se equilibrem — creio que este item não é absolutamente necessário.

Casem as qualidades. Isso, é o mais importante. Cada homem vale o que valerem os seus sentimentos.

E então casarão bem as pessoas e serão felizes.

Haverá «tempestades» períodos difíceis, épocas de discussões, mas tudo será levado com amor.

Eu acrescentaria ainda, se me permitem, caros leitores, que depois de matrimoniados, os cônjuges, continuem: a namorar, que orem em comum, que vejam o companheiro como irmão de Jesus, que tenham filhos, e que os saibam educar nos caminhos do Senhor.

Se assim fizerem, Deus os abençoará e serão, como Cristo disse: não mais dois, mas um.

Humberto Pinho da Silva

DIVULGUE E ASSINE

a voz da abadia

Colabore connosco na expansão deste jornal.

Faça dos seus Amigos assinantes de «A Voz da Abadia» — enviando-nos, devidamente preenchido, este cupão.

NOME _____

MORADA _____

Assinatura Anual (1.200\$00)

Assinatura Bi-anual (2.400\$00)

Assinatura de Beneficitor ()

Renovação da Assinatura (Anos:)

**Nas páginas
deste Jornal
o seu nome
nunca fica mal...**

**Por isso anuncie
n'A VOZ DA ABADIA**

PELO SANTUÁRIO



VISITA

O grupo coral da freguesia de Sobreposta, Braga, organizou a festa do seu convívio anual com uma visita e o almoço na Abadia.

Formavam o grupo pessoas com quarenta, cinquenta anos, alguns jovens e outros com mais idade. De tarde rezaram o terço no Santuário e

solenizaram a sua oração com cânticos a Nossa Senhora que tinham bem ensaiados. O pároco, Dr. Manuel Gonçalves, veio conviver com eles; mostrar-lhes o seu reconhecimento; entusiasamá-los para continuarem a ajudar, a participar e a dar toda a solenidade aos actos de culto.

**VISITE A EXPOSIÇÃO COMEMORATIVA DE S. BERNARDO
NO MUSEU NOSSA SENHORA DA ABADIA**

SABIA?

ADOLESCENTES JÁ MÃES: PORTUGAL VAI NA DIANTEIRA

Em época de propaganda eleitoral ou no frenesi de criar livre campo de acção para que venha a ser dissolvida a Assembleia da República, a oposição que temos ainda se não referiu ao grave problema que aflige o país, concretamente: as adolescentes que são mães entre os 13 e 15 anos.

A situação é tão delicada, que só a Grécia nos ultrapassa em número. Ela é a primeira da Europa no sector e, logo a seguir, vem Portugal.

Estatística recente fala em 10.000 adolescentes que foram mães em 1992. Quais os motivos que as levaram a isso?

Problemas familiares, desemprego, álcool, maus tratos, droga, violências, sevícias, má higiene, habitação degradada, etc., etc.

Algumas casam, mas a ligação dura pouco. Há-as que dão os filhos para adopção, outras entregam-nos a pais e avós, etc., etc.

Não são apenas os políticos que se abstêm de falar no assunto. Ao que vemos, toda a gente evita analisar tais factos para lhes encontrar saída.

Pois já vai sendo tempo de tomar entre mãos o caso para bem de todos.

PAGAMENTO DE ASSINATURAS

Pagaram a assinatura de «A Voz da Abadia», o que muito agradecemos, os estimados Amigos deste Jornal:

Zaida Gonçalves Martins, Souto (1 ano)	1.200\$00
José Fernandes Soares, França (2 anos)	2.400\$00
Evaristo Fernandes, Choreense (1994)	1.500\$00
Manuel Antunes Gonçalves, Choreense (1994)	1.500\$00
Alfredo Dias Antunes, Torre (1992/95)	4.800\$00
António Bento Dias, Ferreiros (1993)	1.200\$00
José Albino da Silva, Ferreiros (1991)	1.200\$00
Maria da Conceição C. Pimenta, Sta. Marta (1993)	1.200\$00
Manuel da Cunha Pimenta, Paredes Secas (1989/93)	5.000\$00
António Maria da Silva, Parada do Bouro (1993)	1.200\$00
António Sevério Sousa e Costa, Bouro (1993)	1.500\$00
Avelino Antunes, Riveira (1992/93)	2.500\$00
Ana Macedo de Oliveira (Barcelos) (1994)	1.200\$00
Albertino Rodrigues, Fafe (1994)	1.500\$00
José Campos Ferreira, V. N. Famalicão (1994)	1.500\$00

PROMESSAS E OFERTAS

No mês de Novembro, Ana Gomes Alves, da Aguçadoura, Póvoa de Varzim, deu cumprimento duma promessa a Nossa Senhora da Abadia 13.000\$00.

António Maria Ribeiro ofereceu 1.000\$00 para Nossa Senhora.

No Santuário deram as promessas anónimas seguintes: uma de 10.000\$00; quatro de 5.000\$00; duas de 2.000\$00.

HORÁRIO DAS MISSAS

Nos meses de inverno, de Novembro a Março, aos domingos e dias santos a Eucaristia é às 11 horas da manhã e de tarde às 16 horas.

Nos sábados às 17,30 horas.

A missa das 11 horas dos domingos e dias santos é pelos irmãos da Confraria e pelos benfeitores do Santuário, uns e outros quer vivos quer falecidos.

CARDOSO DA SAUDADE



- FATOS
- CALÇAS
- CASACOS
- BLUSÕES

ARTIGOS DE ALTA QUALIDADE
A PREÇOS SEM CONCORRÊNCIA

CARDOSO DA SAUDADE

LARGO DE SANTA CRUZ — BRAGA

Fernando
OCULISTA

ESTABELECIMENTO
COM
TÉCNICO QUALIFICADO
EM
ÓPTICA OCULAR

Rua do Souto, 23

(Junto à Casa das Louças)

Telefone 27703
4700 BRAGA

FERREIROS (Feira Nova)

CEMITÉRIO PAROQUIAL

Conforme tínhamos noticiado foi solenemente benzida a parte ampliada do Cemitério no dia 28 de Novembro passado. À cerimónia presidiu o Padre Albino Alves, pároco de Ferreiros.

Foi explicado o significado da bênção que torna aquela terra sagrada e a história que ao longo dos tempos se refere à sepultura dos corpos, antes e depois da difusão do cristianismo.

O acto teve a presença de uma grande multidão de pessoas, do Sr. Eng.º José Carlos Macedo, presidente da Câmara de Amares, presidente da Junta Sr. António Barros e outros autarcas.

Falta luz pública na Capela do Cemitério. São muitas as pessoas que sobre este problema têm dado a sua opinião.

Festa da Imaculada Conceição

O dia da Padroeira de Portugal é sempre festejado com dignidade, alegria, devoção e patriotismo. Oxalá que o Sr. Paulo Macedo continue por

muitos anos a cumprir a sua promessa, pois esta data é muito querida para todos os devotos da Santíssima Virgem.

Sagrado Lausperene

Devidamente preparado, aí está o Sagrado Lausperene e a celebração da Padroeira de Ferreiros «Senhora do Ó» no dia 18 de Dezembro.

Casamento

No dia 11 de Dezembro realizaram o seu casamento Manuel Lopes Antunes, natural de Crespos e D. Maria Cristina R. Martins. É um simpático par de noivos a quem desejamos as maiores felicidades.

Doentes

Continuam internados o Sr. Francisco Soares e a D. Laurinha.

Desejamos que recuperem a saúde e regressem ao aconchego familiar. — (C.)

SOUTO

TRÍDUO DAS ALMAS

Todos os anos no mês de Novembro, mês dedicado pela Igreja Católica ao sufrágio das Almas, é tradição nesta freguesia, vinda já dos nossos trisavós, haver o Tríduo das Almas, dias de reflexão e confissões a culminar com a procissão do Santíssimo Sacramento.

Com estatutos próprios, a Confraria das Almas, mantém-se activa e é mediante este grupo de cristãos que os bons costumes de outrora ainda prevalecem.

Além de outras esmolas, todos os elementos da Confraria pagaram anualmente uma pequeníssima quota que é para suportar as despesas do Tríduo e mandar

celebrar uma missa pela intenção de cada irmão que falece.

O estandarte da irmandade é integrado no cortejo fúnebre de cada membro e o toque dos sinos a anunciar a morte, o sinal, é diferente.

Estes, além de outros, são os regulamentos que regem a Confraria das Almas da freguesia de Souto.

Torneio de futebol de salão

Mais uma vez o futebol de salão é notícia. Desta vez coube à Associação da Ribeira organizar o torneio.

Das seis equipas participantes a Associação de Souto fez-se representar com os seus di-

nâmicos atletas e mais uma vez foi brilhante, alcançando o 2.º lugar.

Parabéns à Associação organizadora e a todas as equipas participantes independentemente dos resultados.

Magusto

Organizado pela A.C.R. e D., mais uma vez se realizou o magusto a nível de freguesia, no dia 14 de Novembro.

Além da castanha e vinho a Associação ofereceu sardinha assada e caldo verde.

Muito participado, houve alegria e boa disposição.

Esperemos que futuramente se organize magustos como este.

H. S.

ANUNCIE
NO JORNAL
«A Voz da Abadia»

SENHORA

De meia idade, livre de compromissos familiares, com apreço pela vida rural, para Governanta de Centro de Pessoal Agrícola, em regime interno, PRECISA-SE.

Telefone 052/941176

FIGUEIREDO

MAGUSTOS

Houve muitos por todo o lado. Nas Escolas, na Catequese, em família e entre amigos. E até se organizaram passeios recreativos que culminaram com magustadas ao ar livre.

Assim, também a nossa freguesia não fugiu a um costume que vem de longe. Escolheu, para tal, o dia 14 do mês findo.

Foi um domingo de sol. E, ainda pelo escuro, já dois autocarros recolhiam, aqui e ali, os que se resolveram por uma passeata até às bandas de Penafiel.

Nesta cidade, e quase na hora da partida, o insólito aconteceu. É que o Francisco Breia, embora houvesse levado os fardos da fagulha, deu conta que deixara as castanhas em casa! E esta, agora?

Teve de comprá-las no caminho, e comeram-se, na Penha, em Guimarães, saboreadas com vinhos da sua lavra.

Convívio

Em Amares, e sob a orientação do Grupo Coral, foi organizado um opíparo lanche-convívio, homenageando o Sr. Padre Custódio Pinto.

De manhã, pelas 11 horas do dia 21 do mês passado, houve Missa solenizada com cânticos de circunstância, pois que se comemoravam os onze anos do seu pastoreio em Figueiredo e naquela paróquia. E, depois, pelas 13,30 horas, dois autocarros encheram-se de convivas, rumando ao Alívio, e, mais tarde, às margens do Rio Homem.

Ali, não obstante as inclemências do tempo, houve alegria, franco convívio e um saboroso lanche partilhado.

Não vislumbramos a quem atribuir, de perto, a organização deste inesquecível convívio. No entanto, cremos que a frenética D. Sameirinha Leão merece as «honras do convento», «coram populo».

«A Voz da Abadia», 9-12-93

CARTÓRIO NOTARIAL DE AMARES

JOSÉ MANUEL FARIADA SILVA, Primeiro Ajudante do Cartório Notarial de Amares:

CERTIFICO para os devidos e legais efeitos que por escritura lavrada neste Cartório no dia 18 de Novembro de 1993, exarada de fls. 52 a fls. 53 verso, do livro de notas para escrituras diversas N.º 687-B, MANUEL JOSÉ LEITÃO FERREIRA e mulher MARIA HELENA VIEIRA DA SILVA, casados sob o regime de comunhão geral de bens, residentes no lugar do Monte, da freguesia de Besteiros, deste concelho de Amares, donde ambos são naturais, ele NIF. 118517236, DECLARARAM que são donos e legítimos possuidores do seguinte imóvel, com exclusão de outrém:

PRÉDIO URBANO, composto de CASA DE HABITAÇÃO DE RÉ-DO-CHÃO E ROSSIO JUNTO, sito no lugar do Monte, da freguesia de Besteiros, do concelho de Amares, a confrontar do norte com herdeiros de Dr. Eduardo Gonçalves, do sul com Evaristo de Sousa, do nascente com herdeiros de Delfim de Sousa Teixeira e do poente com Emília Vieira, inscrito na matriz urbana em nome do primeiro outorgante, Manuel José Leitão Ferreira, sob o artigo 110, com o valor patrimonial de catorze mil trezentos oitenta e seis escudos, com a área coberta de quarenta e dois metros quadrados e descoberta de cento e trinta metros quadrados, omissos na Conservatória do Registo Predial deste concelho de Amares, como verifiquei pela certidão passada no dia onze de Novembro do ano corrente, que arquivo, ao qual atribuem o valor de QUINHENTOS MIL ESCUDOS;

Que, não dispõem de título formal que lhes permita registar na citada Conservatória o referido prédio, embora sempre tenham estado há já mais de vinte anos na detenção e fruição do mesmo; — Que essa detenção e fruição foram adquiridas e mantidas sem violência e exercidas sem oposição ou ocultação, de modo a poderem ser conhecidas por quem pudesse ter interesse em contrariá-las.

Que tal posse, assim mantida e exercida, o foi em nome e interesse próprios, e traduziu-se em factos materiais conducentes ao integral aproveitamento de todas as utilidades do prédio, designadamente habitando-o sem pagar qualquer renda.

Essa posse, pacífica, pública, contínua e durando há já mais de vinte anos, facultou-lhes a aquisição do dito prédio por USUCAPIÃO, do direito de propriedade, direito esse que pela sua própria natureza, não pode ser comprovado por qualquer título formal extrajudicial.

Nestes termos, e não tendo outra possibilidade de levar o direito a registo, vêm justificá-lo nos termos legais.

Nada mais consta.

Está conforme ao original, na parte transcrita.

Amares e Cartório Notarial, dezoito de Novembro de mil novecentos noventa e três.

O PRIMEIRO AJUDANTE,
José Manuel Faria da Silva

Pensão
UNIVERSAL

ABERTA TODO O ANO

Restaurante

EM

TERMAS

DE CALDELAS

Telefones 36236 / 36286

4720 AMARES

MAU (E BOM) TEMPO NOS CANAIS

1. Não nos resta muito tempo para usufruir das delícias da televisão. É uma consequência da nossa condição de trabalhadores, porque não sabemos fazer mais nada. Mas, de vez em quando, lá conseguimos, por um esforço desmedido, agarrar pelas barbas alguns programas. Deles, uns merecem figurar no eterno rol do esquecimento, porque não trouxeram nada de novo, nem sequer distração. Outros permanecem por algum tempo na memória. Embora nem sempre a memória seja prazenteira, demos a estes o direito de serem partilhados com o leitor. Como adiante se verá.

2. Não se sabe bem porquê, os jomais portugueses não são muito tentados a revelar as audiências dos diversos canais. Mas de vez em quando lá é possível encontrar em algum mais letrado a revelação de tão ignotos segredos. As últimas leituras de audiências, com as indispensáveis reservas de fiabilidade que comportam, mostram-nos várias constantes: que a TVI tem vindo a aumentar os seus níveis de audiência, que a SIC é já claramente o segundo canal mais visto (excepto quando no 2.º há futebol), que o Canal 1 mantém claramente a liderança das audiências, mas que a queda para níveis da ordem dos 50 por cento parece inevitável. Isto pode levar-nos a concluir pelas vantagens da abertura da televisão à iniciativa privada, sobretudo pela diversificação da oferta, que permite ao espectador a possibilidade de salutar de não ser obrigado a assistir massacrantemente pelas mesmas sensaborias. Ao menos pode mudar para outras.

Uma interessante constatação: os programas de declarado exibicionismo de sexo ou de violência encontram-se em clara quebra de popularidade. Talvez um aviso à navegação: o popularucho, em que tantos espíritos iluminados não desistem de apostar, também cansa. O mesmo se poderá aplicar às telenovelas: cada vez se nota mais que o figurino, apesar de continuar a ser prato propositado e artificialmente fortificado da maioria das estações, começa a ficar esgotado. Há que buscar alternativas. Melhores, de preferência. P'ra pior já basta assim.

3. A programação da

SIC é certamente a mais agressiva. No bom e no mau sentido. Infelizmente mais no mau que no bom. O exemplo recente da entrevista gorada, provocada contra a vontade de um dos intervenientes, que por isso foi massacrado (ele e os espectadores) a toda a hora com patéticos apelos a que estivesse presente, como se se tratasse de algum apelo de salvar um sufrágio (aqui o naufrago era a própria estação, está bem de ver) é a meridiana manifestação da pretensão prepotente e desmiolada que paira na quase totalidade da nossa comunicação social de querer impor critérios jornalísticos a todos os outros, a ponto de se forçarem as pessoas a tomar as atitudes e a proferir as declarações que não querem proferir. Não será ainda o cidadão livre de exprimir as suas opiniões? Para (alguma) comunicação social parece que não.

Mas no meio dessa agressividade programática, às vezes doentia, surgem os «intervalos lúcidos». Um desses intervalos lúcidos tem por nome «Chuva de estrelas». Para além de ser de longe o programa mais observado entre todos os da SIC, aparece como uma espécie de «Zip-Zip» da era moderna: revela talentos, mostra capacidades, recorda o passado musical, faz-nos emocionar. Recordo o cego que cantou, «Lisboa, menina e moça», não só pela beleza ímpar desta composição, uma das mais belas que Lisboa algum dia inspirou, mas porque foi cantada como se o fosse por um profissional de primeira água, ou aquela pequena que recordou Elis Regina no belíssimo «Sou caipira Pirapora», ou a notabilíssima memória de José Afonso na recriação do «A morte saiu à rua». E muitos outros. Até me sinto tentado e perdoar-lhes aquela velha tendência para uma certa hegemonia americanizante dos temas que por lá surgem.

A receita parece simples: uma apresentação quase espartana, sobretudo uma selecção cuidadosa dos concorrentes, o velho júri que não se perde em considerações e paleios inúteis (mesmo que por vezes não ultrapasse a banalidade — sobretudo nas declarações quase surrealistas de Lena d'Água), as entrevistas simples e módicas, a notável caracterização e o modelo de programa,

que alia a novidade à simplicidade, e também a concatenação das acções na sua aparência de naturalidade. Eis como com pouco se faz bem.

4. Aqui entra a Quatro. Para salientar igualmente um achado programático simples (e que me parece que até agora a televisão tem utilizado pouco: o debate de filmes. É o que acontece com os filmes associados sob o título «Um caso da Vida». Selecciona-se um filme que aborde um caso de forte componente humana (recordo a dependência da droga, a adopção, a falta de trabalho e alojamento) e organiza-se um debate com pessoas directas ou indirectamente implicadas no assunto, como participantes, vítimas ou interessados na solução desses problemas individuais ou sociais. No debate acaba

por se falar mais dos problemas levantados e dos casos presentes do que do tratamento filmico dos assuntos. Mas isso não é um mal e pode ser até um bem. Geralmente os debates têm resultado naquilo que deve ser o debate televisivo: pouca gente, intenção mais de esclarecer que de polemizar, preocupação de ouvir todos os intervenientes, e sobretudo aquele verter do caso pessoal para o domínio público sem que isso pareça uma agressão à intimidade das pessoas. A moderadora, em quem o forte não é a experiência, tem no entanto mantido uma notável dignidade televisiva. Talvez haja que moderar um pouco a mania de um excessivo intervencionismo jornalístico (deixe que as pessoas falem, que exprimam as suas ideias, para isso é que estão lá). Mas a oportu-

nidade das questões, um certo tom familiar com que aborda os participantes e o seu sorriso cúmplice com as inquietações de cada um são qualidades que merecem apreço. Há que continuar, porque o modelo, sem alardes de sensacionalismo, é também do mais interessante que temos visto nos quatro canais.

5. Não ficaria de bem se não referisse igualmente a qualidade profissional das entrevistas de Maria Elisa. Ela não vai para os diálogos como se fosse a dona da bola. Não vai criar conflitos inúteis ou massacrar os convidados com perguntas impertinentes. Respeita-os, portanto. Isto não impede, porém, de buscar, por uma visível preparação, a pertinência das perguntas e de orientar o diálogo para as questões de fundo e para as

dúvidas que a opinião pública quer e tem o direito de esclarecer. Não pratica o sensacionalismo barato, mas revela e questiona o essencial. Põe à prova o convidado, mas sem o impedir de exprimir as suas ideias até ao fim. Não o interrompe abruptamente, só porque lhe veio à cabeça uma questão qualquer (como fazem, na televisão e na rádio os aprendizes de feiticeiros que por lá abundam). Continua a ser uma das mais experientes e seguras profissionais da informação. Diríamos: um clássico. Uma lição para Guedes e companhia, e para entrevistadores de telejornal cuja função parece ser a de impedir os convidados de esclarecer as questões para que tinham sido chamados. O absurdo, portanto.

C. F.

PROGRAMAS ESPECIAIS PARA A RECUPERAÇÃO ECONÓMICA

PROGRAMA DE ERRADICAÇÃO DAS BARRACAS NAS ÁREAS DE LISBOA E DO PORTO

- O Governo garante aos municípios os recursos financeiros para a eliminação de todas as barracas existentes, suportando directamente 50% dos custos e concedendo empréstimos de longo prazo para o restante, com juros bonificados em 75% pelo Estado.

O arranque do programa em cada concelho apenas depende do levantamento completo, pela câmara municipal, de todas as barracas existentes e da apresentação do plano de construção ou aquisição das habitações para realojamento das famílias.

Metade das câmaras que podem beneficiar do programa comunicaram já ao Governo estar a ultimar os respectivos *dossiers* de adesão.

PROGRAMA DE CONSTRUÇÃO DE CASAS ECONÓMICAS

- Através de concurso público o Governo coloca terrenos à disposição dos promotores de habitação e concede-lhes outras facilidades, com a obrigação de venderem as casas a baixo custo.

Já foram lançados quatro concursos que envolvem a construção de cerca de 2000 habitações, prevendo-se o lançamento a curto prazo de concursos para mais 16 000.

PROGRAMA DE APOIO À INTERNACIONALIZAÇÃO DAS EMPRESAS PORTUGUESAS

- O objectivo é incentivar as empresas a realizar investimentos dirigidos aos mercados para onde se destinam as suas exportações, para reforço da competitividade da indústria portuguesa, através da disponibilidade de capitais próprios, da constituição de Fundos de Internacionalização Empresarial, de incentivos fiscais e do apoio no acesso a capital alheio através de linhas de crédito bonificado em que o Estado suporta cerca de um terço do custo do capital.

Há já a registar a apresentação ao ICEP de 45 projectos que representam um investimento de cerca de 20 milhões de contos, dos quais já foram aprovados 13, num montante global de 8 milhões de contos, estando os restantes em fase final de apreciação.

PROGRAMA DE APOIO AO SECTOR EXPORTADOR

- O objectivo é ajudar as empresas portuguesas a competir de forma mais eficaz nos mercados internacionais, através da abertura de linhas de crédito com garantia do Estado, juros bonificados para investimento no estrangeiro, apoio especial a empresas afectadas pela recente instabilidade cambial e pela crise na ex-URSS e da promoção dos produtos portugueses em países específicos.

Já foram abertas linhas de crédito no valor de 55 milhões de contos para mercados do norte de África, América Latina e Europa de Leste, estando preparados para assinatura, até final do ano, novos acordos no montante de 140 milhões de contos. Foram já aprovados apoios de mais de 1 milhão de contos a empresas afectadas pela instabilidade cambial e pela crise na ex-URSS.

PROGRAMA INTERCALAR DE APOIO ÀS PEQUENAS E MÉDIAS EMPRESAS INDUSTRIAIS

- Com o objectivo de facilitar o acesso aos capitais e incentivar a aposta em factores cruciais ao desenvolvimento das empresas modernas, como a inovação, a qualidade, a tecnologia, o *marketing* e a gestão estratégica, são disponibilizados cerca de 60 milhões de contos, através da criação de novos Fundos de Reestruturação

e Internacionalização Empresarial, obrigações participantes, linhas de crédito com juros bonificados para apoio ao investimento e criação de uma sociedade de garantia mútua.

Encontram-se em fase de ultimação os protocolos que serão assinados com várias instituições do sistema financeiro, ainda em Setembro.

PROGRAMA DE REFORÇO DA COMERCIALIZAÇÃO E TRANSFORMAÇÃO DOS PRODUTOS AGRÍCOLAS

- Com o objectivo de melhorar as condições de escoamento da produção agrícola nacional, o Governo disponibiliza apoios financeiros aos agricultores através de capital de risco, linhas de crédito bonificado à comercialização e ajudas directas ao investimento, dando prioridade às iniciativas de concentração da oferta, de promoção comercial, fomento da qualidade e novos projectos empresariais no sector agro-alimentar.

Está já concluída a fase de recepção dos processos de candidatura ao crédito bonificado, prevendo-se a aprovação dos montantes a bonificar por beneficiário durante o mês de Setembro.

PROGRAMA DE REESTRUTURAÇÃO DE DÍVIDAS DOS AGRICULTORES E APOIO AO RELANÇAMENTO DA ACTIVIDADE AGRÍCOLA

- O objectivo é apoiar financeiramente os agricultores afectados pelos maus anos agrícolas que se têm vindo a verificar devido à seca. Inclui três medidas:

- Moratória de um ano, no montante de 12 milhões de contos, para a amortização da linha de crédito do Programa Operacional — Seca 92;
- Linha de crédito bonificada, de 60 milhões de contos, para renegociação de dívidas à banca contraídas para investimentos;
- Linha de crédito bonificada, no montante de 8 milhões de contos, para a aquisição de factores de produção que permitam proceder ao relançamento de actividades agro-pecuárias nas zonas particularmente atingidas pela seca em 1992 e 1993.

Foi já remetida a competente circular do IFADAP para a banca, podendo as operações ser contratadas com os agricultores até ao final do corrente ano.

PLANO DE EMERGÊNCIA DE APOIO AOS DESEMPREGADOS AGRÍCOLAS DEVIDO À SECA

- Através de programas ocupacionais em actividades úteis às comunidades, do desenvolvimento de acções aceleradas de formação profissional, do apoio financeiro directo à contratação de trabalhadores ou à criação do posto de trabalho pelos próprios, promoveu-se já a ocupação efectiva de cerca de 8 mil trabalhadores, principalmente no Alentejo e Vale do Tejo.

PROGRAMA ESPECIAL DE APOIO AOS TRABALHADORES DO SECTOR MINEIRO

- O objectivo é prevenir o desemprego e permitir a mobilidade profissional dos trabalhadores mineiros afectados pela profunda crise estrutural que o sector atravessa, através de acções de formação profissional, subsídios às empresas que contratem estes trabalhadores e de ajudas financeiras à criação do próprio emprego. Os serviços de emprego iniciaram já os contactos com os destinatários destas medidas, bem como as acções de motivação junto das entidades que poderão tomar iniciativas na criação de clubes de emprego.

CONGREGAÇÃO PARA A DOCTRINA DA FÉ

Algumas relexões acerca da resposta a propostas legislativas sobre a não-discriminação das pessoas homossexuais

Ultimamente, a Congregação para a Doutrina da Fé está preocupada com a questão das propostas legislativas, apresentadas em diversas partes do mundo, acerca do problema da não-discriminação das pessoas homossexuais. Um estudo deste problema levou à preparação de uma série de considerações, que poderiam servir de auxílio àqueles que se preocupam por formular a resposta católica a essas propostas legislativas. Estas considerações ofereceram reflexões baseadas em importantes passagens da «Carta aos Bispos da Igreja Católica sobre o Atendimento Pastoral das Pessoas Homossexuais», da Congregação para a Doutrina da Fé, que foi publicada no Outono de 1986, e indicaram algumas aplicações que podem derivar delas.

Devido ao facto de este problema ser particularmente urgente nalgumas partes dos Estados Unidos da América, estas reflexões foram apresentadas aos Bispos deste País, mediante os bons ofícios do Pró-Núncio, para que os possam ajudar. Dever-se-ia notar que as considerações não

pretendem julgar uma determinada resposta, que já pode ter sido dada pelos Bispos locais, ou pelas Conferências nacionais sobre estas propostas legislativas. As considerações, portanto, não pretendem ser uma instrução oficial ou pública acerca do problema apresentado pela Congregação, mas um recurso básico que oferece uma discreta assistência àqueles que porventura tiverem a tarefa de avaliar o projecto da legislação sobre a não-discriminação, com base no orientamento sexual.

Imaginando que a publicação das considerações possa ser útil, procedeu-se a uma revisão superficial do texto e à preparação de uma segunda versão. Ao mesmo tempo, várias referências e citações das reflexões tornaram-se públicas através dos meios de comunicação social. Com o objectivo de se ter um relatório acurado acerca da questão, o texto revisto de «Algumas Reflexões acerca da Resposta a Propostas Legislativas sobre a Não-Discriminação das Pessoas Homossexuais» está, então, a ser publicado por L'Osservatore Romano.

Introdução

Recentemente, foi proposta uma legislação em vários lugares, que tornaria ilegal uma discriminação baseada num orientamento sexual. Nalgumas cidades, as Autoridades municipais puseram habitações públicas à disposição de casais homossexuais (e heterossexuais solteiros) — normalmente reservadas a famílias. Estas iniciativas, mesmo onde parecem mais dirigidas a defender os direitos civis básicos do que a tolerar a actividade homossexual ou um estilo de vida homossexual, podem, com efeito, ter um impacto negativo na família e na sociedade. Os casos, por exemplo, da adopção de crianças, do trabalho dos professores, das necessidades habitacionais de famílias verdadeiras, das legítimas preocupações do proprietário, no que se refere aos eventuais inquilinos,

são com frequência postos em discussão.

Ao mesmo tempo que seria impossível prever todas as eventualidades, em relação às propostas legislativas neste sector, tais observações procurarão identificar alguns princípios e distinções de natureza geral, os quais deveriam ser tomados em consideração pelo legislador, eleitor ou Autoridade eclesiástica consciente, no momento de enfrentar estes problemas.

A primeira secção recordará as passagens relevantes da «Carta aos Bispos da Igreja Católica sobre o Atendimento Pastoral das Pessoas Homossexuais», da Congregação para a Doutrina da Fé, de 1986. A segunda secção tratará a sua aplicação.

I. Passagens relevantes da «Carta» da Congregação para a Doutrina da Fé

1. A Carta recorda a «Declaração sobre alguns Pontos de Ética Sexual», da Congregação para a Doutrina da Fé, de 1975, a qual «levava em consideração a distinção feita comumente entre a condição ou tendência homossexual, de um lado, e, do outro, os actos homossexuais»; os últimos são «intrinsecamente desordenados» e «não podem ser aprovados em caso algum» (n. 3).

2. Todavia, «na discussão que se seguiu à publicação da Declaração, foram propostas interpretações excessivamente benévolas da condição homossexual, tanto que houve quem chegasse a defini-la indiferente ou até mesmo boa». A Carta continua e esclarece: «... a particular inclinação da pessoa homossexual, embora não seja em si mesma um pecado, constitui, no entanto, uma tendência, mais ou menos acentuada, para um comportamento intrinsecamente mau do ponto de vista moral. Por este motivo, a própria inclinação deve ser considerada objectivamente desordenada. Aqueles que se encontram em tal condição deveriam, portanto, ser objecto de uma particular solicitude pastoral, para não serem levados a crer que a realização concreta desta tendência nas relações homossexuais seja uma opção meramente aceitável» (n. 3). Não o é!

3. «Como acontece com qualquer outra desordem moral, a actividade homossexual impede a auto-realização e a felicidade, porque é contrária à sabedoria criadora de Deus. Refutando as doutrinas erróneas acerca do homossexualismo, a Igreja não limita, antes, pelo contrário, defende a liberdade e a dignidade da pessoa, compreendidas de um modo realista e autêntico» (n. 7).

4. No que se refere à tendência homossexual, a Carta afirma: «uma das tácticas usadas é a de afirmar, em tom de protesto, que qualquer crítica ou reserva às pessoas homossexuais, à sua atitude ou ao seu estilo de vida, é simplesmente uma forma de injusta discriminação» (n. 9).

5. «Em algumas Nações funciona, como consequência, uma tentativa de pura e simples manipulação da Igreja, conquistando-se o apoio dos Pastores, frequentemente em boa fé, no esforço que visa mudar as normas da legislação civil. Finalidade de tal acção é ajustar esta legislação à concepção própria destes grupos de pressão, para a qual o homossexualismo é, pelo menos, uma realidade perfeitamente inócua, quando não totalmente boa.

Embora a prática do homossexualismo esteja ameaçando seriamente a vida e o bem-estar de um grande número de pessoas, os fatores desta corrente não desistem da sua acção e recusam levar em consideração as proporções do risco que ela implica» (n. 9).

6. «Ela (a Igreja) é consciente de que a opinião, segundo a qual a actividade homossexual seria equivalente à expressão sexual do amor conjugal ou, pe-

II. Aplicações

10. «A tendência sexual» não constitui uma qualidade comparável à raça, à origem étnica, etc. no que se refere à não-discriminação. Diferentemente destas, a tendência homossexual é uma desordem objectiva (cf. Carta, 3) e requer solicitude moral.

11. Existem sectores onde não se trata de discriminação injusta tomar em consideração a tendência sexual, por exemplo, na adopção ou no cuidado das crianças, no trabalho dos professores ou dos treinadores atléticos e no recrutamento militar.

12. As pessoas homossexuais, como seres humanos, têm os mesmos direitos de todas as pessoas, inclusivamente o direito de não serem tratadas de maneira que ofenda a sua dignidade pessoal (cf. *Ibid.*, 10). Entre outros direitos, todas

lo menos, igualmente aceitável, incide directamente sobre a concepção que a sociedade tem da natureza e dos direitos da família, pondo-os seriamente em perigo» (n. 9).

7. «É de se deplorar firmemente que as pessoas homossexuais tenham sido e sejam ainda hoje objecto de expressões malévolas e de acções violentas. Semelhantes comportamentos merecem a condenação dos Pastores da Igreja, onde quer que aconteçam. Eles revelam uma falta de respeito pelos outros, que fere os princípios elementares sobre os quais se alicerça uma sã convivência civil. A dignidade própria de cada pessoa deve ser respeitada sempre, nas palavras, nas acções e nas legislações.

Todavia, a necessária reacção diante das injustiças cometidas contra as pessoas homossexuais não pode levar, de forma alguma, à afirmação de que a condição homossexual não seja desordenada. Quando tal afirmação é aceita e, por conseguinte, a actividade homossexual é considerada boa, ou quando se adopta uma legislação civil para tutelar um comportamento, ao qual ninguém pode reivindicar direito algum, nem a Igreja nem a sociedade no seu conjunto deveriam surpreender-se se depois também outras opiniões e práticas distorcidas ganharem terreno e se aumentarem os comportamentos irracionais e violentos» (n. 10).

8. «Em todo o caso, deve-se evitar a presunção infundada e humilhante de que o comportamento homossexual das pessoas homossexuais esteja sempre e totalmente submetido à coacção e, portanto, seja sem culpa. Na realidade, também às pessoas com tendência homossexual deve ser reconhecida aquela liberdade fundamental, que caracteriza a pessoa humana e lhe confere a sua particular dignidade» (n. 11).

9. «Ao avaliar eventuais projectos legislativos, (os Bispos) deverão pôr em primeiro plano o empenho na defesa e na promoção da vida familiar» (n. 17).

as pessoas têm o direito de trabalhar, de ter uma habitação, etc. Todavia, estes direitos não são absolutos. Podem ser legitimamente limitados por motivos de conduta externa desordenada. Isto, às vezes, é não só lícito, mas obrigatório. Além disso, não se trata apenas de casos de comportamento culpável, mas até mesmo de casos de acções de pessoas física ou mentalmente doentes. Assim, aceita-se que o Estado limite o exercício dos direitos, por exemplo, no caso de pessoas contagiadas ou mentalmente deficientes, para proteger o bem comum.

13. Incluir a «tendência homossexual» entre as reflexões, na base das quais é ilegal discriminar, pode facilmente levar a afirmar que a homossexualidade é uma fonte positiva de direitos humanos,

por exemplo, no que se refere aos chamados direitos de acção afirmativa ou ao tratamento preferencial no que se refere à admissão ao trabalho. Isto é ainda mais deletério se considerarmos que não existe um direito à homossexualidade (cf. *Ibid.*, 10), o que não deveria, portanto, constituir a base para reivindicações jurídicas. A passagem do reconhecimento da homossexualidade como factor, na base do qual é ilegal discriminar, pode facilmente levar, se não de modo automático, à protecção legislativa e à promoção da homossexualidade. A homossexualidade de uma pessoa seria invocada em oposição a uma discriminação declarada e, assim, o exercício dos direitos seria efectuado exactamente mediante a afirmação da condição homossexual, em vez de em termos de uma violação dos direitos humanos básicos.

14. A «tendência homossexual» de uma pessoa não pode ser comparada com a raça, o sexo, a idade, etc., também por outro motivo, além do supracitado, que merece atenção. A tendência sexual de uma pessoa individualmente não é, de modo geral, conhecida pelos outros, a não ser que ela se identifique em público como alguém que tem esta tendência ou com a manifestação de comportamento exterior. Geralmente, a maioria das pessoas com tendências homossexuais, que procuram viver uma vida casta, não tornam pública a sua tendência sexual. Por conseguinte, o problema da discriminação, em termos de trabalho, de habitação, etc., normalmente não se apresenta.

As pessoas homossexuais que manifestam a própria homossexualidade, tendem a considerar o comportamento ou o estilo de vida homossexual «indiferente ou até mesmo bom» (cf. n. 3) e, portanto, digno de aprovação pública. Muito provavelmente, é no âmbito destas pessoas que se encontram aqueles que tentam «manipular a Igreja, conquistando-se o apoio dos Pastores, frequentemente em boa fé, no esforço que visa mudar as normas da legislação civil» (cf. n. 9), aqueles que usam a táctica de afirmar, em tom de protesto, «que qualquer crítica ou reserva às pessoas homossexuais... é simplesmente uma forma de injusta discriminação» (cf. n. 9).

Além disso, existe o perigo de a legislação, que faz da homossexualidade uma base para certos direitos, encorajar deveras uma pessoa tendencialmente homossexual a declarar a sua homossexualidade ou até mesmo a procurar um parceiro, aproveitando-se assim das disposições da lei.

15. Já que na avaliação de uma proposta legislativa deve ser dada a máxima importância à responsabilidade da defesa e da promoção da vida familiar (cf. *Ibid.*, n. 17), é fundamental prestar atenção a cada uma das intervenções propostas separadamente. Como é que terão influência na adopção das crianças e no acto de se confiar à sua responsabilidade? Constituirão uma defesa dos actos homossexuais, públicos e privados? Conferirão às uniões homossexuais uma condição equivalente à da família, por exemplo, no que se refere à habitação, ou concedendo ao parceiro homossexual os privilégios que derivam do trabalho e que incluem, entre outras coisas, a participação «familiar» nos benefícios hospitalares concedidos aos trabalhadores? (cf. *Ibid.*, n. 9).

16. Por fim, quando a questão do bem comum entra em jogo, não é conveniente que as Autoridades eclesásticas apoiem, nem que permaneçam neutras perante legislações adversas, mesmo que elas admitam excepções às Organizações e Instituições da Igreja. A Igreja tem a responsabilidade de promover a vida familiar e a moralidade pública da sociedade civil inteira, com base nos valores morais fundamentais, e não unicamente de se defender a si mesma das aplicações de leis nocivas (cf. *Ibid.*, n. 17).

EM SANTIAGO DE COMPOSTELA

«VOTO» DA ARQUIDIOCESE DE BRAGA

Realizou-se uma peregrinação arquiocesana a Santiago de Compostela.

Na circunstância o Arcebispo Primaz leu a seguinte apresentação do «voto» da Arquidiocese de Braga:

Senhor Santiago!

Em espírito, se não em hábito, de peregrino, veio até junto de voz — sempre vivo nesta imponente Catedral, pelo venerando túmulo e devota imagem — uma qualificada representação do Povo bracarense, profundamente marcado pelo baptismo e inalteravelmente fiel à doutrina libertadora do vosso e nosso Mestre — o Senhor Jesus — vosso familiar, segundo a carne.

Vieram os Pastores, guardas e promotores da «cidade celeste»; e vieram os Autarcas, servidores eleitos da «cidade terrestre». Uns e outros mantêm estreita colaboração mútua, mas com inalienável independência de funções. Têm consciência de estarem ao serviço do homem no seu todo, quer como pessoa individualizada, quer como membro da comunidade.

Temos presentes os laços históricos entre Braga — a *Bracara Augusta* de fundação anterior ao nascimento de Cristo, que foi capital da Província romana da *Gallaecia*, alargada desde o mar Cantábrico até ao sul do Rio Douro — e Compostela, surgida em torno do vosso túmulo, o qual trouxe nova força e redobrado dina-

mismo à Reconquista cristã, desencadeada logo após a trágica invasão muçulmana nos princípios do século VIII.

Antes de nós, quantos portugueses, minhotos incluídos, empreenderam esta romagem de fé e devoção!

Vieram reis e rainhas, como D. Manuel I e Santa Isabel, gente de algo como Nuno Álvares Pereira, mas sobretudo fiéis anónimos, todos irmanados nas mesmas intensões: fazer penitência pelos pecados cometidos e implorar, para eles, a indulgência do Jubileu, rogar saúde para os males próprios ou alheios e auxílio nos empreendimentos, meditar nas verdades existenciais, sintetizadas nos denominados «novíssimos do homem».

Nas suas longas e penosas jornadas, obedeciam fielmente os mais humildes às três regras do peregrino: «nunca se queixar, não pedir nada, não ficar mais de um dia no mesmo local».

O Cancioneiro Geral de Garcia de Resende (1516) recolheu este vivo testemunho, em forma de poesia popular:

Santiago por nos ora.
Partimos de Portugal
Catar cura a nosso mal. (...)
Poys que somos seus romeys
[ros, (...)]
Cessem já nossos martyros
Que nunca cessam hum ora.

Ao longo dos caminhos, que conduzem ao vosso túmulo, foram surgindo — em Portugal como por terras de Espanha e outros Países da Europa central e ocidental — sinais duradouros de devoção e acolhimento: igrejas e ermidas, imagens e símbolos, hospícios e albergues.

Foram estes caminhos, sempre percorridos por incontáveis peregrinos, que mais contribuíram para o desenvolvimento dos burgos medievais, semeados nesses percursos, tornados centros de comércio; para a consolidação da arte românica; e também para despertar o ciclo literário das lendas, os cantares épicos e os romances, que originaram uma literatura específica, a caracterizar uma época.

Com inteira razão o Conselho da Europa considerou, em 1987, a rede dos vossos caminhos como «primeiro itinerário cultural da Europa», na sequência da justa qualificação da cidade compostelana como «Património cultural da Humanidade», pela UNESCO, dois anos antes (1985).

Regressamos alegres às nossas terras, sentindo o ditado popular que diz: «tão peregrino é o que vai como o que vem!»

Levamos connosco, na memória, o espectáculo reconfortante que nos enche os olhos e, no íntimo do coração, a paz interior aqui alcançada, que é o alvo e anseio de todo o peregrino.

Como sinal da nossa presença e testemunho da nossa devoção, aqui



Catedral de Santiago de Compostela

deixamos algumas modestas mas significativas dádivas, para conservar nos arquivos que enriquecem e diversificam o vosso solar.

Em paga dai-nos, Senhor Santiago, a vossa bênção para a jornada da vida; e protecção no grande encontro com o Pai, no reino dos Céus.

INSTITUTO DE APOIO À EMIGRAÇÃO E ÀS COMUNIDADES PORTUGUESAS

IAECP E ORGANIZAÇÃO INTERNACIONAL PARA AS MIGRAÇÕES

CURSOS GRATUITOS DE LÍNGUAS

A Organização Internacional para as Migrações, em colaboração com o Instituto de Apoio à Emigração e às Comunidades Portuguesas, têm vindo a organizar cursos gratuitos de línguas, nomeadamente Francês, Inglês e Alemão.

Esta experiência foi iniciada em 1980, com a implementação de um programa piloto na região de Coimbra, denominado «Região Familiar» e destinado a portugueses que pretendessem residir junto de familiares a trabalhar no estrangeiro.

Considerando o pleno êxito desta iniciativa e procurando acompanhar as crescentes necessidades verificadas neste domínio foi, posteriormente, criado o programa «Trabalhadores sazonais», destinado a portugueses que pretendem trabalhar no âmbito da indústria hoteleira ou construção civil em países estrangeiros.

Também os locais de realização dos cursos passaram a abranger outros distritos do Norte e Centro de Portugal.

O objectivo destes cursos visa proporcionar a compreensão das noções fundamentais da língua do país de acolhimento.

De facto, esta preparação, com especial incidência na comunicação básica oral, pode contribuir para uma maior facilidade de integração dos portugueses nas comunidades de acolhimento, possibilitando desde a simples troca de informações, em situações normais do futuro quotidiano, até a um melhor acesso ao conhecimento dos seus direitos laborais e sociais.



Dado o interesse de que se reveste esta formação e tendo presente o início do ano lectivo 1993/1994, sintetizam-se seguidamente informações de utilidade para os interessados.

Todos os trabalhadores portugueses que cumpram já contratos de trabalho, ou todos aqueles que pretendiam ir trabalhar para o estrangeiro, assim como os portugueses que pretendam ir residir junto de familiares a trabalhar no estrangeiro, poderão candidatar-se à formação fornecida.

Os cursos de línguas, no âmbito do programa «Reunião Familiar», terão início a partir de Novembro do corrente ano. Quanto à formação para

trabalhadores sazonais, decorrerá de Janeiro a Março do próximo ano, com horário a estabelecer, em período post-laboral.

O local de realização dependerá do número de inscrições e das localidades de onde as mesmas forem oriundas.

O processo de inscrição ou o pedido de informações complementares, pode ser efectuado junto de delegações do Instituto de Apoio à Emigração e às Comunidades Portuguesas, da Câmara Municipal ou do Instituto do Emprego e Formação Profissional.

PASSATEMPOS

DESAFIO

INSTRUÇÕES: Tente resolver o problema dentro do espaço de tempo concedido. Preencha cada quadrado com um algarismo de 1 a 9.

— Quadrados horizontais somados têm resultados à direita;

— Quadrados verticais somados têm resultados na fila do fundo;

— Quadrados diagonais somados, cruzando no centro e na base da coluna da direita.

Pode haver mais do que uma fórmula de resolução.

TEMPO PARA ESTE DESAFIO: 9 minutos e 4 segundos.

O SEU RESULTADO: _____ minutos e _____ segundos.

				29
8				29
			9	29
	9			29
		8		29
28	30	28	30	29



NOS CAMPOS

Semeie os trigos de Inverno e os centeios. Prossiga com as lavras. Aplique estrumes e correctivos com vista à preparação das terras para as plantações de Primavera.

NAS HORTAS

Prepare talhões e canteiros para as culturas próprias da época. Nas terras de elevada acidez, como são normalmente aquelas onde durante anos seguidos se praticou horticultura, faça calagens. Empregue, em média, 200 a 300 gramas de cal por metro quadrado. Defenda das geadas as diversas culturas, utilizando esteiras, abrigos de plástico, etc.

NOS JARDINS

Prossiga a preparação dos canteiros para as plantações próprias da época. Pode roseiras e outros arbustos bem como as árvores que não estejam em flor. Semeie ervilhas-de-cheiro e malvaiscos em lugar definitivo. Instale viveiros de estacas de roseiras, arbustos e árvores de folha caduca.

LABIRINTO

L	E	D	A	A
E	Q	A	C	I
U	U	D	R	C
Q	E	I	E	N
A	C	U	D	E

Descubra a frase que está escrita na grelha tendo em atenção que ela está relacionada com a palavra-chave.

A letra com que se inicia a frase está dentro de um círculo. As letras seguintes serão encontradas movendo a caneta para cima, para baixo, para a direita e para a esquerda, mas nunca na diagonal. Cada letra de cada quadrado da grelha nunca pode ser usada mais do que uma vez.

Palavra-chave. CREDENCIÁRIO.

Um padre novo faz um de seus primeiros sermões. Falando sobre o milagre da multiplicação dos pães, exclama.

— Imaginem! Alimentar cinco homens com cinco mil pães? Alguém de entre vós seria capaz de o fazer?

— Grande coisa! — murmura o sa-

cristão. Qualquer um seria capaz de fazer isso!

O padre só no fim percebeu porque é que tinha havido risos na assembleia!

ANEDOTAS

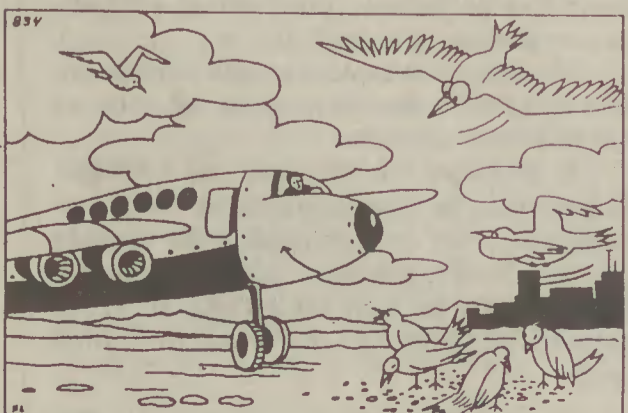
No domingo seguinte, o jovem padre quis corrigir a má impressão deixada no domingo anterior:

— Meus irmão, no domingo passado

enganei-me. O que eu queria dizer é que Jesus deu de comer a cinco mil homens só com cinco pães! Penso que, desta vez, ninguém vai dizer que seria capaz de fazer o mesmo!

— Ora! — resmungava de novo o sacristão. Com tudo o que sobrou da outra vez, não é nada difícil!...

DEZ DIFERENÇAS



FÁBRICA
DE FATOS
CASACOS
CALÇAS

de alta categoria!

À venda nos bons estabelecimentos

PONTE DOS FALCÕES
MAXIMINOS - 4700 BRAGA

TELEFONE 71210
TELEX 32288 FACHO

DESPORTO

II Divisão B (Zona Norte)

RESULTADOS

Lixa - Marco	1-0
Varzim - Vila Real	2-1
Infesta - Paredes	2-1
Maia - Sandinenses	3-0
Lourosa - União de Lamas	0-2
Moreirense - Fafe	2-3
Ermesinde - Amares	2-1
Juv. Ronfe - Esposende	0-0
Lousada - Vizela	3-1

CLASSIFICAÇÃO

	J	V	E	D	F-C	P
Maia	11	8	2	1	20-8	18
União de Lamas	11	7	3	1	18-7	17
Fafe	11	6	3	2	19-9	15
Lourosa	11	5	5	1	21-11	15
Lixa	11	5	3	3	12-12	13
Juv. de Ronfe	11	4	5	2	10-8	13
Moreirense	11	5	2	4	18-16	12
Infesta	11	4	3	4	24-19	11
Esposende	11	3	5	3	10-10	11
Lousada	11	3	4	4	20-22	10
Varzim	10	3	4	3	10-13	10
Marco	11	3	3	5	4-7	9
Sandinenses	11	3	3	5	10-14	9
Vizela	10	2	4	4	9-12	8
Vila Real	11	2	4	5	9-12	8
Paredes	11	1	4	6	9-15	6
Amares	11	2	2	7	8-18	6
Ermesinde	11	1	3	7	7-25	5

PRÓXIMA JORNADA (11 DEZEMBRO)

Marco - Lousada; Vila Real - Lixa; Paredes - Varzim; Sandinenses - Infesta; União de Lamas - Maia; Fafe - Lourosa; Amares - Moreirense; Esposende - Ermesinde; Vizela - Juventude de Ronfe.▶

Distrital III Divisão — Série B

RESULTADOS

Cabanelas, 2 - Este, 4; Lanhas, 2 - Lage, 1; Patrimonse, 0 - Leões FC, 0; Santa Tecla, 2 - Sobreposta, 2; Peões, 6 - Águias FC, 0; Pedralva, 3 - Enguardas, 3; CD Amares, 0 - Arsenal, 1.

CLASSIFICAÇÃO

	J	V	E	D	F-C	P
Arsenal	9	7	2	0	23-7	16
Este	10	6	4	0	24-9	16
Leões FC	8	5	2	2	16-8	12
Enguardas	9	5	2	2	15-9	12
Cabanelas	10	5	2	3	13-11	12
Lanhas	10	4	4	2	13-12	12
Peões	10	3	5	2	16-13	11
Arcos	10	5	1	4	13-11	11
Caldelas	9	4	2	3	13-11	10
Pedralva	9	3	4	2	11-10	10
Patrimonse	10	2	4	4	7-11	8
Lage	10	2	3	5	15-17	7
Sobreposta	9	2	2	5	11-15	6
Santa Tecla	9	1	3	5	12-17	6
CD Amares	11	2	2	7	9-17	6
Trandeiras	1	0	0	1	0-2	0
Águias FC	9	0	0	9	2-34	0

PRÓXIMA JORNADA (9 DE JANEIRO)

Série B - Lage - Cabanelas; Leões FC - Lanhas; Sobreposta - Patrimonse; Águias FC - Santa Tecla; Enguardas - Peões; Arsenal - Pedralva; Caldelas - Arcos.

Distrital II Divisão — Série C

RESULTADOS

Série C - Figueiredo, 5 - São Nicolau, 0; Briteiros, 4 - Selho, 2; Campelos, 2 - Antime, 0; Capanense, 1 - Arões, 0; Gonça, 0 - Rossas, 0; Outeiro, 2 - Fermilense, 0; Vasco Gama, 1 - Santo Estêvão, 1; Terras Bouro, 1 - Mosteiro, 1.

CLASSIFICAÇÃO

	J	V	E	D	F-C	P
Briteiros	11	7	2	2	31-13	16
Capanense	10	6	3	1	13-6	15
Campelos	9	7	0	2	19-6	14
St.º Estêvão	10	6	1	3	20-14	13
Mosteiro	10	5	2	3	11-8	12
Selho	11	5	2	4	14-14	12
Vasco Gama	10	4	3	3	16-14	11
Rossas	10	4	3	3	10-13	11
Arões	10	3	4	3	8-6	10
Pica	10	4	2	4	12-16	10
Outeiro	9	2	5	2	9-10	9
Gonça	10	2	5	3	10-17	9
Terras Bouro	11	2	2	7	10-12	8
Figueiredo	11	2	4	5	17-21	8
Antime	11	2	3	6	9-14	7
Fermilense	10	3	1	6	5-11	7
São Nicolau	11	0	2	9	10-29	2

PRÓXIMA JORNADA (26 DE DEZEMBRO)

Série C - São Nicolau - Terras Bouro; Selho - Figueiredo; Antime - Pica; Arões - Campelos; Rossas - Capanense; Fermilense - Gonça; Santo Estêvão - Outeiro; Mosteiro - Vasco Gama.▶

Distrital III Divisão — Série C

RESULTADOS

Silvares, 0 - Gerês, 0; Armil, 1 - São Paio, 2; Águias Alvite, 8 - São Lourenço, 0; Estrelas Vermelhas, 5 - Estorãos, 0; Paços, 0 - Travassós, 0; U. Moreirense, 1 - Gandarela, 3; Guilhofrei, 1 - Santa Cristina, 2; Ventosa, 0 - Regadas, 1.

CLASSIFICAÇÃO

	J	V	E	D	F-C	P
Est. Vermelhas	10	8	0	2	22-6	16
Regadas	10	7	2	1	17-4	16
S. Paio Vizela	11	7	2	2	19-7	16
Guilhofrei	11	6	3	2	24-9	15
Travassós	10	6	1	3	17-8	13
Águias Alvite	10	5	2	3	21-7	12
Gandarela	10	5	2	3	12-9	12
St.ª Cristina	10	4	2	4	13-21	10
U. Moreirense	11	3	3	5	18-21	9
Ventosa	11	4	1	6	9-12	9
Estorãos	10	4	1	5	15-22	9
Armil	10	3	2	5	13-16	8
Paços	10	2	3	5	8-11	7
Cavez	10	2	2	6	11-18	6
Silvares	10	2	2	6	5-16	6
Gerês	11	2	3	6	11-25	6
São Lourenço	11	2	1	8	6-29	5

PRÓXIMA JORNADA (9 DE JANEIRO)

Série C - São Paio - Silvares; São Lourenço - Armil; Estorãos - Águias Alvite; Travassós - Estrelas Vermelhas; Gandarela - Paços; Santa Cristina - U. Moreirense; Regadas - Guilhofrei; Cavez - Ventosa.▶

Taça de Portugal

RESULTADOS

Benfica (I) - Estoril (I)	4-0
Sporting de Braga (I) - Gil Vicente (I)	2-0
Vitória de Guimarães (I) - Farense (I)	1-0
Belenenses (I) - Louletano (H)	1-0
Sporting (I) - Leça (H)	4-3
Sp. Espinho (H) - Paços Ferreira (I)	2-1
Vitória de Setúbal (I) - Portimorense (H)	6-1
União de Leiria (H) - Marítimo (I)	0-0 (a.p.)
F.C. Porto (I) - A. de Viseu (H)	2-2 (5-2 a.p.)
Maia (IIB) - Boavista (I)	1-4
Vizela (IIB) - Famalicão (I)	2-3
Beira Mar (I) - Vila Real (IIB)	4-0
Estrela da Amadora (I) - Guarda (IIB)	2-1
Salgueiros (I) - Alcacereense (III)	2-0
Castelo da Maia (III) - União da Madeira (I)	0-3
Torreense (H) - Ovarense (H)	1-0
Desp. das Aves (H) - Moreirense (IIB)	2-1
Desp. de Chaves (H) - Quarteirense (IIB)	2-0
Lourosa (IIB) - Académica (H)	2-0
Mirandense (III) - Tirsense (H)	0-3
Lusitano Évora (III) - Felgueiras (H)	1-0
Rio Ave (H) - Beja (III)	3-0
União de Lamas (IIB) - Caldas (IIB)	0-1
Infesta (IIB) - Naval 1.º de Maio (IIB)	3-0
Atlético (IIB) - Operário Aço (III)	1-1 (1-6 a.p.)
Benedictense (III) - Sanjoanense (IIB)	1-2
Marco (IIB) - Trofense (III)	0-0 (a.p.)
Vieira (III) - Lanheses (III)	1-0
Isento: Leixões.▶	

FUNERÁRIA SANTA MARIA



Agência funerária

Com Carro Fúnebre próprio

Trata de toda a documentação de funerais.
Funerais e Translações para todo o País.
Coroas e Palmas em flores naturais.
Ornamentação de Andores e Cruzes Pascais.

Telef. 371195 / 79244

Bouro (Santa Maria) 4720 AMARES

Assine e divulgue
«A VOZ DA ABADIA»

CM CASA MACEDO

DE - José Cassiano Gonçalves Macedo

TECIDOS • MALHAS • CONFECCOES • PRONTO A VESTIR
CALÇADO • MIÚDEZAS, ETC. — EMP. S/ PÉNHORES

Praça do Comércio, 102 a 106

Telefone 993176

4720 AMARES

PADARIA UNIVERSAL

de António José Fernandes

ESMERADO SERVIÇO DE PÃO E PRODUTOS AFINS

Fabrico e venda de pão especial aos domingos para tornar o seu almoço mais apetitoso. O pão é o melhor e mais barato dos alimentos. Prefira o da **PADARIA UNIVERSAL**

TELEFONES 371125 e 371346 — SANTA MARIA DE BOURO — AMARES

A EUROPA ASFIXIADA

O que é que está a paralisar a Europa, a partir do nosso sistema monetário, a minar as nossas economias e a destruir os nossos postos de trabalho? Os grandes tenores europeus perguntam-se diariamente, gemendo, porque é que chegamos a isto e como prosseguir a obra completada há 40 anos e, para já como salvá-la.

A resposta que comanda o futuro da União Europeia é talvez a que dermos a esta outra pergunta: queremos construir a Europa da produção ou a Europa da redistribuição? A primeira estaria conforme ao espírito do Tratado de Roma. Mas desde há 10 que nos decidimos orientar pela segunda.

Foi assim que, no dia 20 de Julho, a Comunidade Económica Europeia (CEE) decidiu repartir, pelo prazo de cinco anos, 141 biliões de ecus (1 ecu = 190 escudos), a título de ajudas chamadas «fundos estruturais», a que se acrescentam 15 biliões de ecus para os fundos ditos de «coesão», destinados a subvencionar a Espanha, Grécia, Irlanda e Portugal. Mais de um trilião de contos! Não se duvide que o famoso «alargamento» à Europa Central consistirá, essencialmente, segundo este evangelho, em alargar o círculo de distribuição do maná: um maná extorquido à actividade empresarial cada

vez mais estrangulada. Enunciada nestes termos, a causa está de antemão perdida.

Em lugar de harmonizar as economias pela subida da produção, a Europa escolheu fazê-lo redistribuindo a recessão. É o que se chama a Europa social. A Europa dos adiantamentos e das transferências. Estendemos à escala da CEE a receita que já tinha feito maravilhas na asfixia do crescimento e estímulo do desemprego no interior de cada país que compõe a comunidade.

A verdade é que não nos podemos mais abrigar atrás da explicação da «crise mundial». A crise, aliás, deixou de ser mundial. Apenas subsiste uma sub-crise europeia, e até mesmo continental, visto que a Grã-Bretanha, objecto de todos os sarcasmos franceses, parece recompor-se e ver o seu desemprego a diminuir.

Bruxelas optou pela lógica igualitarista contra a lógica da competição. De resto, isso nota-se nos misteriosos «critérios da convergência» de Maastricht, abrindo a porta à moeda única, que pouco a pouco, nos órgãos da comunicação social, tomaram o sentido de igualar os níveis de vida dos países membros através da redistribuição. Ora esses critérios (inflação, taxas de juro, défice orçamental, dívida pública, câmbio estável) eram, segundo o texto do tratado, acima de tudo financeiros

e concebidos para serem cumpridos por países de PNB (Produto Nacional Bruto) forçosamente desigual. Interpretá-los como um imperativo de homogeneização prévia dos rendimentos nacionais, é impor à união económica e à moeda única uma condição impossível de satisfazer. E, para já, uma condição inútil: os Yvelines e o Gers têm níveis de vida muito diferentes, com a mesma moeda, mas dentro da mesma economia.

É necessário que a Europa regresse à emulação, à união competitiva. A lógica da redistribuição passiva equivale a arbitrar em favor dos adiantamentos contra a actividade e, portanto, contra o emprego, como ficou demonstrado pelo relatório Mattéoli em França para grande indignação dos cegos. Eis a velha aberração que na História, de tempos a tempos, preside ao suicídio das civilizações. Um autor latino do Baixo Império, Lactâncio, diagnosticava assim, no século IV, a doença de que Roma ia perecer: «*Eram tantos os que recebiam em comparação com os que pagavam, tão pesado o fardo dos impostos, que o trabalhador sucumbia na sua tarefa, os campos eram abandonados e as florestas cresceram lá onde outrora a charrua tinha passado*».

Jean-François Revel (Le «Point/Paris»)

Esta terra era a terra das «meninas».

Havia, entre outras, as meninas do senhor Zé Eduardo, as meninas do senhor Rodrigues, as meninas do senhor Arcipreste, as meninas da Bouça, as meninas de Carcavelos, as meninas da Quinta, as meninas do Souto, as meninas do senhor Pacheco, as Pachecas... e, em Braga, havia a rua das Cónegas, porque lá morou um cónego com as suas irmãs.

As «meninas» morreram todas virgens.

Quem lhes cantou a virgindade sei eu, mas não lhes posso pôr aqui os versos.

Dessas «meninas» hoje não há. Há doutras, mas não são virgens.

As «meninas» de então possuíam qualidades e virtudes excelentíssimas, mas tinham todas pelo menos um tique e duas telhas.

Tirante isso, eram todas muito religiosas, decentes no trajar, esmeradas no que faziam e puras no falar e no andar.

Mandavam a criada de fora à porta dar a esmolinha escondida por debaixo do avental e dois ou três conselhos evangélicos, que a criada chuchurreava aos ouvidos dos pedintes.

Afora as canseiras da casa passavam a vida a rezar, a tomar chá e torradas e a ver da sacada quem ia andando. E se quem passava não era como elas, não vestia como elas, não falava como elas, escapuliam-se das varandas e metiam-se no quarto escuro quase a chorar — «oh, manas, que horror!»

Quando viam os lingurteiros, os homens maliciosos e os «bêbados» desviavam-se ou metiam por outros caminhos ou travessas.

À excepção das da Raposeira, que eram umas tresmalhadas e limpavam o pó dos móveis antigos às bufadelas, eram respeitadas e respeitavam. Porque tinham modos, maneiras, conversavam baixo, não gesticulavam.

Atravessavam a Praça encolhidas e a olhar para o chão quando iam para a igreja, pois elas sabiam que mil olhinhos marotos assestavam sobre elas.

«— O que não estarão a dizer...»

E lá para os seus adentros:

— Diabos levem os maldosos deste mundo. Autenticadas com o selo da devoção, tinham

CRÓNICAS SELVAGENS (26)

na igreja cadeira-genuflexório próprio, inalienável, com almofadinha muito catita e fofa, e, na tampa, juntamente com o livrinho da santa missa, donde saía a fitinha vermelha ou azul da marcação, o nome numa placa metálica, viessem ou não viessem os genuflexórios eram «delas».

Se alguém de fora, por engano, via a cadeirinha devoluta e a usava, logo duas velhas beatas, como sentinelas, se aproximavam, a explicar àquela «senhora» estranha que a cadeira tinha dono. Portanto, ninguém podia alijar-se, como se fosse uma profanação, e ainda bem, porque hoje andamos pelas igrejas adiante aos encontros, como quem anda num mercado.

Em novas, só os malandrins se atreviam, acobardados no anonimato.

«— Bom dia, menina Olívia, está um lindo dia para colher flores».

Ela baixava quase nada a cabeça, como um doairo de rainha embalsamada. Adiantava-se devagar como um andor invisível, avançava de raspão junto às paredes das casas, como que a proteger-se e, se necessário, aproveitar uma «porta de família» aberta.

Os matutos voltavam a cara, a rir de lado, com empiscadelas e olhares de cumplicidade entre si.
«— Boa tarde, menina Josefina!» — aqui o carinho a contrapôr-se ao escárneo.

Claro que a *toilette* da menina Josefa vincava não só a diferença de posição social, como dos anos. Se a Belarmina (a criada) devesse andar pelos sessenta, a casa dos cinquenta ainda não fora atingida pela menina Josefa.

«— A menina, desculpe a pergunta, que idade tem?»

«— Que pergunta mais tola. Ainda não cheguei aos cinquenta». E a idade dela, para ela, havia parado ali mesmo há muito.

A do Zé Eduardo, a menina Adelaide, passava muito esgrouviada, num barulho de vestimenta.

«— O diacho da mulher parece um Entrudo!»

Ou, então, com a mais descarada afoiteza, para a outra irmã.

«— Passaste bem, menina Sofia». «— Vais uma pêssega, menina! Andas muito chegada aos padres, cuidado!»

De outras ocasiões, era um garotinho que berrava, escondido por detrás duma esquina.

«— Ó estafermo!»

«— Ó camafeu!»

Na década de sessenta, andava tudo em revolto, ninguém podia dar um passo maior ou espirrar duas vezes no Jardim ou no Campo do Seco que ao outro dia não se soubesse; e a malcriadeza intrometida tinha foros de estatuto social.

Porque me lembro, agora, em 1993, quando o mundo já deu duas voltas inteiras sobre si mesmo, e tresloucou, destas «meninas» cabeceirenses?

Porque eram amáveis, gostavam de crianças bem comportadas, nos mimavam e faziam daqueles favorzinhos pequenos, que nunca por nunca esquecem, porque confortavam, porque sorriam, e, quando se sorriam, sorriam-se com os lábios e o coração.

Porque, apesar de «tias», foram como madrinhas, mães, avós, companheiras, amigas.

Nós já éramos rapazes, rapagões, e ainda nos tratavam por meninos. «— Olá, menino do senhor Abel! Olá, menino do senhor Borges!» E por aí adiante.

Porque contavam histórias lindas enquanto faziam malha ou paninhos para oferecer, «só para oferecer», porque nos chamavam com a ponta do dedo e nos davam rebuçados, bombons, amêndoas, pirolitos, biscoitos, guloseimas que, em nossa casa, tiroliro, não tínhamos.

Eram antigas? Eram. Mas que bem que o eram.

Das «meninas» do senhor Rodrigues, das «meninas» do senhor Arcipreste, das «meninas» da Bouça, das «meninas» do Souto e de outras «meninas» tenho hoje minhas saudades fundas.

Talvez saudades que o meu filho e os meus netos não vão ter o gosto de ter.

— Fuje! que caminhamos a passos largos por cima de alçapões cheios de abismos!

Alexandre Vaz